

PRÁTICA DE PRONÚNCIA NA ESCOLA PÚBLICA: “CONSONANT SOUNDS” NO ENSINO FUNDAMENTAL

Antônio Fernandes DIAS JÚNIOR

juninhotecla36@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba (CAPES/PIBID/UEPB)

Ewerton Felix da SILVA

ewertonfelix_gba@hotmail.com

Universidade Estadual da Paraíba (CAPES/PIBID/UEPB)

Orientador: Prof. Dr. Leônidas José da SILVA JÚNIOR

leonidas.silvajr@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba (CAPES/PIBID/UEPB)

RESUMO

O presente trabalho é um relato de experiência de um projeto em andamento, a se realizar durante os meses de agosto, setembro e outubro de 2015, intitulado “*Prática de Pronúncia na escola pública: ‘Consonant Sounds’ no Ensino Fundamental*”, realizado enquanto atividades práticas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência, subprojeto de Língua Inglesa, do Campus III da UEPB na cidade de Guarabira-PB. O projeto tem como objetivo, propor o contato dos alunos com os segmentos fonológicos consonantais da língua inglesa, e que, através da prática destes sons, estes alunos consigam obter uma melhor comunicação e compreensão fonêmica, evitando-se assim, constrangimentos que possam vir a acontecer enquanto aprendizes nativos de língua portuguesa e que ainda não se familiarizaram com o inventário fonológico existente na língua inglesa. No que diz respeito ao ensino-aprendizagem de segunda língua na escola pública contemporânea, são inúmeros os fatores que colaboram para que o processo de aquisição da segunda língua (L2), não obtenha os resultados desejados, como: carga horária reduzida, professores sem formação na área, falta de materiais didáticos, alunos desmotivados, etc. Apontamos ainda, a insegurança da maioria dos alunos quando incitados pelo professor a produzirem e reconhecerem devidos sons na língua estudada. Como aporte teórico, foram utilizados textos referentes aos estudos de gêneros de oralidade (DOLZ, SCHNEWLY, 2004),

correção de pronúncia (RAMOS, 2009), ensino de língua inglesa na escola pública (ASSIS-PETERSON, 2009, OLIVEIRA, 2009, LEFFA, 2009), transferência fonológica (ALVES, BARRETO, 2012), dentre outros. Como resultados parciais deste projeto, destacamos uma grande motivação e curiosidade por parte dos alunos, em relação à forma de se pronunciar determinadas palavras, proporcionando-se assim, aulas criativas, dinâmicas e interativas.

Palavras-chave: PIBID. Ensino de língua inglesa. *IPA Chart*.

INTRODUÇÃO

Com relação ao ensino de língua inglesa na escola pública contemporânea, várias são as circunstâncias que têm afrontado a relação Aluno-Ensino-Professor. Carga horária reduzida, falta de materiais didáticos, a necessidade de um ambiente favorável às aulas, os chamados professores postigos¹. Soma-se ainda, as aulas focadas (única e exclusivamente) nos aspectos gramaticais da língua, ao passo que, os aspectos fonéticos e fonológicos muitas vezes são desprezados, os alunos se mostram desinteressados, dentre outros fatores que compõe essa problemática desafiadora.

Destacamos ainda, o temor da maioria dos alunos quando são posicionados a por em prática a sua oralidade, ao passo que este ponto pode ser estimulante para o docente que está comprometido com o ensino e disposto a romper barreiras, em sua maioria, preconceituosas no tocante ao ensino de uma segunda língua (L2).

Muitos destes obstáculos podem ser percebidos através de frases formuladas pelos aprendizes como: “Pra quê aprender inglês?”, “eu não sei pronunciar corretamente as palavras na minha língua materna”, “a pronúncia em inglês é muito diferente do português”, e por acreditarem nesta falsa afirmação afastam-se da língua alvo, dedicando-se a mesma apenas como uma disciplina desnecessária para a sua formação.

¹ De acordo com Siqueira (2009) professores postigos são os profissionais sem a devida formação, que “não ensinam inglês porque não querem, mas porque não dominam o conteúdo.

Conscientes desta realidade encontrada na escola pública, elaboramos este projeto intitulado “PRÁTICA DE PRONÚNCIA NA ESCOLA PÚBLICA: ‘CONSONANT SOUNDS’ NO ENSINO FUNDAMENTAL”, sendo o presente artigo, um relato de experiência de uma sequência de atividades do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência), subprojeto de língua inglesa, do campus III da UEPB.

TRANSFERÊNCIA FONOLÓGICA

Um fator a se destacar, muitas vezes tido como empecilho na prática da pronúncia, é o fenômeno da transferência fonológica, que “é o processo no qual os alunos pronunciam as palavras da língua inglesa, de forma semelhante e/ou da mesma forma como pronunciam as palavras em língua portuguesa devido às interferências fonêmicas” (ALVES e BARRETO, 2012). Ainda sobre tal ocorrência, afirma Ramos (2009):

Num processo de aprendizagem de língua estrangeira, é natural que o aluno tenda a transferir para o ‘novo’ idioma particularidades de sua língua materna. Isso ocorre não apenas com relação aos aspectos fonológicos, mas também com respeito à sintaxe, à morfologia e até mesmo ao uso de itens lexicais. A tendência dos alunos a transferir para a língua inglesa os traços fonológicos do português não constitui novidade. (p. 54).

Como afirma a autora acima, tal ocorrência não constitui novidade, tampouco deve ser visto e encarado como agravante para a realização de práticas orais nas aulas de LI, tendo em vista que muitas vezes, os alunos da rede pública têm seu primeiro contato com a língua inglesa a partir do 6º ano, onde muitas vezes chegam com uma carência no que se refere à escrita em sua língua materna, o que acaba por influenciar na falta de interesse para com o aprendizado de uma língua estrangeira, a clássica questão “*não sei nem o português direito, o que dirá o inglês!*”, situação ilustrada abaixo nas palavras de Ramos (2009):

É muito difícil “evitar que os alunos pronunciem as palavras da língua-alvo como se fossem da língua portuguesa”, afinal eles só conhecem aspectos do seu próprio idioma, não raro, com bastante dificuldade. A interferência é inevitável, particularmente quando se trata de alunos que, por serem pouco ou nunca expostos à língua inglesa, evidentemente, acham o aprendizado “desnecessário, inútil para suas vidas e para seu cotidiano”. (p. 55)

Observamos assim a importância de se trabalhar com a prática de pronúncia em sala de aula, pois assim, empoderamos os alunos acerca de como pronunciar determinado fonema, e desde o início deve-se deixar evidente a dicotomia CONSOANTE x FONEMA, como por exemplo, o fato de que palavras como *shower* e *information*, terem em comum, o fonema /j/ para representar o som correspondente aos sons consonantais de “sh” e “ti” respectivamente.

Vale salientar que o alunado, por não conhecer as variações fonológicas existente da L2, esquece sua identidade cultural e segue trilhando um caminho fonológico “tortuoso”, esforçando-se em parecer “igual” a um falante que tem o inglês como língua materna. Muitos alunos se empenham em (re)produzir o mesmo ritmo, cadência, entonação e outros aspectos que compõem a articulação fonológica de um nativo da língua alvo, sendo as principais referências os falantes britânicos e americanos, mas a inocente busca deste sotaque idealizado acaba em uma frustração fonológica por não conseguir atingir o propósito desejado.

CORREÇÃO DE PRONÚNCIA

Devemos prestar bastante atenção para não corrigirmos precipitadamente um falante não-nativo da língua inglesa, a fim de evitarmos constrangimentos para os alunos, o que pode vir a se tornar uma espécie de “bloqueio” destes, para com as aulas de LI. Sobre a forma de “corrigir” a pronúncia dos alunos, nos alerta Ramos (2009, p. 73, grifo da autora): “Eu diria corrigir PRIMORDIALMENTE, porque todas as vezes que

um professor de línguas achar pertinente fazer uma correção de pronúncia na fala de seus alunos, deverá fazê-lo – desconsiderando *over corrections*, é claro.”

Antes de tudo, temos de nos conscientizar em relação a todos os aspectos e contextos que envolvem o sistema sonoro da língua materna dos aprendizes, devemos também, considerar a língua inglesa como uma língua internacional, pois de acordo com Lima (2009) o número de falantes que tem o inglês como segunda língua é maior do que o número de falantes nativos da mesma, além de considerarmos a diversidade cultural existente entre os aprendizes.

Sendo assim, considerar o contexto e a diversidade onde a língua está sendo estudada é de extrema importância quando o assunto é a pronúncia "correta" ou "errada". Portanto, sabendo que cada aluno carrega em sua fala seus elementos próprios, bem como as características supra-segmentais como a entonação, acentos e tons, nossa maior preocupação e atenção neste projeto, foram referentes às palavras que podem causar um estranhamento ou desentendimento entre o locutor e seu interlocutor, palavras estas que modificam todo o sentido da frase, por exemplo: se em uma determinada frase o falante substituir um par mínimo como "*comb*" por "*cone*" há uma grande chance de desentendimento entre os mesmos.

Enfatizamos ainda o contraste entre as línguas portuguesa e inglesa, como nos mostra Ramos (2009):

De toda sorte, é sempre bom reforçar o fato de que há apenas oito sons vocálicos e seis ditongos no nosso idioma, contra dez e doze, respectivamente, em inglês. Esse ponto, aparentemente tão simples, é suficiente para impor à maior parte dos brasileiros muitas dificuldades no aprendizado de inglês. (p. 58)

Sendo assim, conscientes da pluralidade linguística própria de cada aluno e convictos de não se privilegiar uma variante da língua inglesa como o modelo "ideal" a se seguir, nos prontificamos de dar o suporte referente à pronúncia de certos fonemas, muitas vezes, utilizando sons próximos ou correspondentes da língua portuguesa.

METODOLOGIA

Foram necessárias 9 horas/aula para a realização desta oficina, realizada durante os meses de agosto, setembro, outubro e novembro de 2015, aplicada em uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental, sob supervisão da professora Risoleida Uchôa, no Centro Educacional Osmar de Aquino, na cidade de Guarabira – PB.

Como “padrão” em nossas aulas referentes ao projeto de prática de pronúncia, seguimos o seguinte roteiro:

- Apresentação da classificação das consoantes;
- Apresentação dos símbolos fonéticos correspondentes à consoante;
- A pronúncia usual destes sons consonantais, bem como os casos classificados como “exceções”;
- Apresentação dos “Pares Mínimos” aplicados em frases, mostrando-se assim, os prováveis desentendimentos que podem acontecer, caso o interlocutor pronuncie os fonemas de forma “diferente”;
- No fim de cada aula, aplicamos um exercício de verificação de aprendizagem;
- A cada duas semanas de aulas ministradas em nosso projeto, realizamos um exercício avaliativo envolvendo as classificações dos fonemas trabalhados nas semanas de aplicação e anterior à data.

Na primeira semana de nossa atividade, iniciamos nosso projeto com a apresentação da situação: qual a diferença entre *head* e *read*? A partir desta pergunta iniciamos nosso debate e questionamentos acerca de palavras ‘escritas de uma forma e pronunciadas de outra’. Em seguida, iniciamos nosso projeto de pronúncia, demonstrando aos alunos a divisão das consoantes na língua inglesa enquanto “voiced” e “unvoiced”, aplicando um exercício de fixação em seguida.

Na segunda semana de atividades apresentamos o *International Phonetics Alphabet*, ou *IPA Chart*, com o intuito de apresentar os símbolos fonéticos correspondentes à pronúncia dos sons consonantais.

Na terceira semana, norteamos nossa aula com a premissa de “Como são produzidos os sons”, o qual demonstramos de forma introdutória e elementar sobre como estão classificados os sons consonantais e em seguida, distribuímos fotocópias com uma lista de símbolos fonéticos referentes às consoantes classificadas como “STOPS OR PLOSIVES”: /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/.

Na quarta semana, após revisarmos o conteúdo referente às consoantes plosivas, iniciamos a explicação relacionada aos sons consonantais classificados como fricativos. Para tal, distribuímos uma lista de símbolos fonéticos classificados como “FRICATIVES”: /f/, /v/, /s/, /z/, /h/, /θ/, /ð/, /ʃ/ e /ʒ/. Na aula seguinte, aplicamos um exercício avaliativo, valendo de 0 (zero) a 10 (dez), onde analisaríamos o rendimento e acompanhamento da turma sobre o projeto.

Dando continuidade ao nosso projeto de prática de pronúncia, na quinta semana, nossa atividade contemplou os símbolos fonéticos classificados como “NASAL”: /m/, /n/, /ŋ/, e os símbolos fonéticos “AFRICATES”: /tʃ/ e /dʒ/.

Na sexta e última semana de atividades práticas referentes ao nosso projeto, desenvolvemos a aula, baseada na lista de símbolos fonéticos referentes as consoantes classificadas como APPROXIMANTS AND LATERAL: /w/, /r/, /j/ e /l/.

Na sétima semana deste projeto, a qual concluiu nosso projeto aplicamos um exercício de avaliação e desenvolvemos dinâmicas com o intuito de revisar tudo o que foi ensinado e como forma de encerramento do projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os resultados obtidos, percebemos o progresso dos alunos, pois ao iniciarmos este projeto a maioria dos alunos nem tentavam pronunciar os sons corretamente, quando de início colocamos os alunos para tentar produzir os sons, os mesmos sentiram-se “constrangidos”, pois conheciam a fonética muito superficialmente (alguns não conheciam) e nunca tinham estudado detalhadamente os sons na língua inglesa.

Ao decorrer do nosso projeto foi perceptível o grande avanço na pronúncia de cada um, os aprendizes conseguiram compreender os sons e símbolos propostos nas aulas e ainda compreender e produzir de forma adequada os sons consonantais nas palavras que eram estimulados a executar, notaram pequenos detalhes fonéticos que antes não eram percebidos pelos mesmos, por serem leigos em relação à fonética.

E por conseguirem assimilar o assunto, os alunos cada vez mais estavam se sentindo confortáveis quanto à percepção/produção dos sons consonantais. Decorrente a essa familiaridade com a fonética a participação dos discentes evoluíram de forma satisfatória onde as aulas prosseguiram de forma proveitosa.

Diferentemente da realidade inicial, após algumas aulas ministradas, os alunos estavam aos poucos conseguindo sua “autonomia fonética” seguros na pronúncia de algumas palavras em que estavam sendo expostos e até arriscando a pronunciar palavras que não faziam parte do seu vocabulário.

CONCLUSÃO

Observamos inicialmente o medo dos alunos, neste primeiro contato quando apresentávamos uma pequena introdução sobre “FONÉTICA”, este “nome” soou como uma harmonia jamais ouvida, tal como um estrangeiro em uma terra desconhecida, podíamos fazer esta comparação por percebermos os seus rostos espantosos, quando questionados sobre este assunto, assim estavam estáticos e um pouco indefesos por nunca terem estudado ou ao menos ouvido falar sobre algum estudo sobre fonética antes.

Este momento inicial foi de total desconforto/desconfiança visto que os alunos mostraram-se “leigos” quanto a tal prática, condicionados pelo medo do desconhecido (neste caso a prática pronúncia das consoantes da língua inglesa) sentiram-se inseguros com nossa proposta, no entanto, ao decorrer das aulas ministradas por nós, os aprendizes conseguiram se libertar cada vez mais de seus receios, como por exemplo, medo de errar a pronúncia, vergonha de seu colega de classe, desinteresse

por não conhecer estudos sobre a fala, dentre outros fatores que contribuíam para que de início essa barreira fosse criada.

Com o desenvolver das atividades e depois de algumas explicações sobre os símbolos fonéticos e sobre alguns aspectos que formam sistema fonético e sonoro de um ser humano, enquanto falante, foram aos poucos arriscando um som de uma consoante aqui, outra em seguida, quebrando-se assim algumas barreiras negativas, e neste ambiente escolar foi aos poucos surgindo uma relação positiva (que antes não era estudada de forma direta em sala) entre aluno e a prática de sons.

Através desta interação foram surgindo dúvidas sobre os diferentes sons que existem na língua inglesa e que não possuem correspondentes na sua língua materna. Foi notório o avanço da percepção de alguns sons que até então eram desconhecidos para os alunos, perceberam também os sons existente na língua inglesa e que os mesmos estão presente no seu cotidiano, começaram a notar que a proposta em sala, incentivada por nós sobre os sons (consoantes da língua inglesa) não era tão misterioso e sombrios, a tal ponto de causar espanto e desconforto.

Por perceberem que todo ser é um praticante ativo de sons (a não ser que tenha problemas na fala), foram mergulhando nos estudos, conscientes de algumas dificuldades que poderiam encontrar no caminho, pois seu primeiro contato direto com o estudo dos sons foi através deste projeto; então, o avanço da maioria dos alunos foi excelente, os mesmos ainda nos mostraram adquirir certa maturidade fonológica, quando foram posicionados para produzirem as palavras propostas nas atividades realizadas em sala, estavam dispostos e motivados e bem coerentes em suas respostas, sendo assim, reconhecemos que nossa atividade e proposta desenvolvida para com alunos, foi de maneira geral proveitosa.

Tal afirmação sobre o progresso dos alunos pôde ser notada quando relacionamos o conhecimento dos alunos no início, com as atividades finais dos mesmos, seja através da produção dos sons que cada um conseguia realizar ou o reconhecimento dos sons consonantais através dos símbolos fonéticos, enfim, os

discentes neste momento final estavam mais seguros e autônomos quanto à produção dos sons consonantais existente na língua inglesa.

Através desta proposta em sala de aula buscamos aprimorar o “*listening*” dos aprendizes e, decorrente a tal prática, a habilidade de “*speaking*”, a qual será mais transparente e prazerosa, desconstruindo-se assim certos pensamentos preconceituosos e desestimulantes enquanto estudantes, deixando-os a par da diferença dos aspectos fonológicos existentes e também de sons inexistente entre inglês/português, ressaltando a importância na produção correta dos sons para uma comunicação inteligível entre o falante e o seu interlocutor, pois se em uma tentativa de comunicação, pronunciarmos o fonema /p/ em vez de /b/ ou o som consonantal /k/ em vez de /g/, o sentido da frase pode mudar totalmente e o diálogo entre locutor e interlocutor acaba sendo frustrante.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ubiratã K.; BARRETO, Fernando M. O processamento e a produção dos aspectos fonético-fonológicos da L2. In: LAMPRECHT, Regina (org). **Consciência dos sons da língua**: Subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa. 2 ed, Porto Alegre, EDPUCRS, 2012.
- ASSIS-PETERSON, Ana A.; SILVA, Eladyr Maria N. Alunos à margem das aulas de inglês: por uma prática inclusiva. In: **Ensino e aprendizagem de língua inglesa**: conversas com especialistas. São Paulo: Parábola, 2009.
- BAKER, Ann. **Ship or sheep?**. 3rd Ed. Cambridge University Press, 2007.
- BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Lugares (im)possíveis de se aprender inglês no Brasil: crenças sobre aprendizagem de inglês em uma narrativa. In: LIMA, D. C. de. (Org.) **Inglês em escolas públicas não funciona?** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- DOLZ, J. et al. A exposição oral. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- DOLZ, Joaquim.; SCHNEUWLY Bernard; HALLER, Sylvie. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: _____. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

LEFFA, Vilson J. Criação de bodes, carnavalização e cumplicidade. Considerações sobre o fracasso da LE na escola pública. In: _____. **Inglês em escolas públicas não funciona?** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MARTINEZ, Pierre. **Didática de línguas estrangeiras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LIMA, Joceli Rocha. Correção de pronúncia e a identidade do aluno de letras. In: LIMA, D. C. de. (Org.) **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Métodos de ensino de inglês**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

OXEDEN, Clive; LATHAN- KOEING, Christina. **New English File - Beginner**. Oxford, 2007.

RAMOS, Elizabeth. Transferência fonológica e ensino de língua inglesa. In: LIMA, D. C. de. (Org.) **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SIQUEIRA, S. O ensino de inglês na escola pública: do professor postigo ao professor mudo, chegando ao professor crítico-reflexivo. In: LIMA, D. C. de. (Org.) **Inglês em escolas públicas não funciona?** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.